



Corpo, Comunicação e Cidade: a estética como élan comunicacional¹

Coordenação:

Pra. Dr. Ana Claudia Mei Alves de Oliveira

Participantes:

Ana Claudia Mei Alves de Oliveira², docente, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo- PUCSP.

Cíntia SanMartin Fernandes³, pós-doutoranda, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo- PUCSP.

Josenilde Silva Souza⁴, mestranda, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo- PUCSP.

Resumo

Na esteira dos estudos que vêm refletindo sobre as relações corpo/comunicação/cidade, propomos um debate que traga para o centro a discussão dos espaços cotidianos em que os corpos (entendidos como viventes de sentidos) e seus gestuais possam ser compreendidos como “territórios” relacionais (élan) a partir de suas estéticas-relacionais ou comunicativas. Neste sentido, o objetivo desta mesa é reunir diferentes pesquisas sobre a temática com a finalidade de promover uma discussão a respeito do corpo compreendido dentro do seu contexto dinâmico de conexões e vivências explorando as diversas formas de manifestações textuais das experiências (sensíveis/inteligíveis) em que a estética (correspondência) transforma-se em vetor de comunicabilidades, ou seja, vetor de sociabilidade.

¹ Mesa apresentada no III Colóquio Multitemáticos em Comunicação - Multicom, evento componente do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² **Ana Claudia Mei Alves de Oliveira** é Pós-Doutora pela École des Hautes Études en Sciences Sociales, EHESS, França e Professora Titular da PUCSP onde coordena o Programa Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica. É membro fundador do Centro de Pesquisas Sociosemióticas (CPS), no qual atua como co-diretora desde 1994 com Eric Landowski (CNRS/Paris). Participa de várias associações de pesquisadores, tendo sido presidente da Ass. Bras. de Estudos Semióticos ABES (2003-2005), Ass. Nac. de Pesqu. Artes Plásticas - ANPAP (2000-2002), Associação Internacional de Semiótica Visual - AISV (1996-1998).

³ **Cíntia SanMartin Fernandes** é Doutora em Sociologia Política pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) com Doutorado Sanduíche junto a Université René Descartes-ParisV/SORBONNE onde participou como pesquisadora no *Centre D'etude Sur L'actuel et Le Quotidien* (CEAQ) coordenado por Michel Maffesoli. Atualmente realiza Pós-Doutorado em Comunicação e Semiótica na PUC-SP e compõe o quadro de pesquisadores do Centro de Pesquisas Sociossemióticas (CPS) coordenado por Ana Cláudia M. Oliveira (PUCSP) Eric Landowski (CNRS/Paris).

⁴ **Josenilde Silva Souza** é Pós-graduada em Criação e Imagem de Moda, SENAC/Salvador-BA. Mestranda em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP. Pesquisadora do Centro de Pesquisas Sociossemióticas (CPS) coordenado por Ana Cláudia M. Oliveira e Eric Landowski (CNRS/Paris) onde é responsável pelo Atelier “Semiótica e Moda”. Atualmente é docente da UNIFMU-SP.



Palavras-chave

Cidade; Comunicação; Corpo; Estética.

Proposta da Mesa

As cidades transformaram-se em interesse de estudos desde seus florescimentos, Santo Agostinho, já no século V utilizava-a como categoria para diferenciar a vida dos homens à vida dos deuses. No entanto, será a partir, sobretudo, do século XVIII por representar o palco de profundas mudanças econômicas, políticas e sociais, que assumirá o estatuto de problema a ser investigado. Contudo, mais do que compreendê-la “por dentro”, sem separar o espírito da carne, seus analistas embebidos pelo racionalismo trataram-na como pano de fundo das relações sócio-políticas culturais, ou ainda, mesmo que estudada fora vista a partir de uma perspectiva da separação entre tempo-espço e natureza-cultura.

Essa dicotomia distanciou o homem da natureza possibilitando ao primeiro, sujeito do conhecimento, se apropriar do segundo de forma objetiva, utilizando para isso de métodos revogados por teorias cuja epistemologia apontava para o alargamento da distância entre sujeito e objeto. Em meio a uma lista extensa das conseqüências desse modelo paradigmático dos tempos modernos elencaremos uma que parece representar o problema central deste trabalho, ou seja, a questão da funcionalidade do tempo e do espaço e com ela o problema referente à busca e a implementação da ordem e homogeneidade social. Ordenar para funcionar. As relações funcionais foram responsáveis pela homogeneidade do olhar, do sentir e do viver corporalmente os espaços naturais e sociais.

Nesse sentido, um deslocamento dessa epistemologia para uma compreensão que considere a complexidade, a mutabilidade constante das conformações sócio-espaciais-corpoais, em que a separação tempo/espço, sujeito/objeto, natureza/cultura seja posta “em suspensão” no entendimento máximo de que são os homens (corpo e espírito) em movimento na/pela cidade, na experiência sensível com ela é que constroem os sentidos sócio-espaciais, que geram as espacialidades⁵. Espacialidades que podem ser pensadas como manifestações sociossemióticas (LANDOWSKI, 2004, 2005), e assim podendo ser analisadas como um espaço comunicativo de sentidos.

⁵ Aqui aludimos ao trabalho de Sennett, R. *Carne e Pedra*. Rio de Janeiro: Record, 1987. Nessa obra, originada de pesquisas históricas sobre os espaços urbanos desde a Grécia até as cidades modernas, o autor propõe uma “nova história das cidades” através da experiência corporal.



Espaços não somente inteligíveis, mas sensíveis, afetivos, onde existir não é apenas seguir regras e normas, sejam elas de qual ordem forem, mas arriscar-se em *outras possibilidades*, à aventura do lançar-se na cidade de forma sensual onde corpo e ambiente (artificial ou natural) interagem gerando outros significados para os locais, transformando-os em *lugares* (FERRARA, 2007).

Com isso afirmamos que os espaços se *lugarizam* na medida em que os indivíduos se apropriam destes, sentindo-o, intercambiando com o ambiente, desvelando-o ao mesmo tempo que se desvelam gerando a possibilidade de infinitas conformações de espacialidades que tecem o cotidiano da vida cidadina. Trama infinita, aberta e amorfa. Rede geradora de possibilidades comunicativas.

O tecido das cidades contemporâneas, ou sua “pele” (FERRARA, 2008), pode ser compreendida como entrelaçamento social, ou agregação social, como a reatualização do antigo mito da comunidade em que as informações, os desejos e as fantasias circulam em um mecanismo de *proximidade*. Daí a existência das pequenas tribos, efêmeras ou duradouras, conduzindo ao possível viver cíclico, viver que une o “lugar” e o “nós”, mesmo diante da complexidade do mundo vivido. Mundo de realidade imperfeita e atribulada, mas que não deixa de produzir um *co-naissance comum* (MAFFESOLI, 2007) que circula na dança múltipla dos cruzamentos e entrecruzamentos, constituindo tecido social cuja trama é complexa e diversa.

As questões sociológicas trabalhadas por Michel Maffesoli e Edgar Morin (1999) conduzem a uma reflexão sobre a noção de tecido social, que implica fundamentalmente admitir a complexidade do social. Composto de setores e de grupos heterogêneos - que por sua vez representam uma multiplicidade de interesses, contradições e paradoxos -, de discursos e culturas plurais, a complexidade social opera não apenas sob a lógica do conflito, como única possibilidade de intervenção crítica, mas, também, sob a lógica da cooperação e da solidariedade.

Edgar Morin aponta ao longo de toda a sua obra a importância do paradigma da complexidade para a compreensão das relações sociais na contemporaneidade. O autor apresenta esse pensamento como o que comporta a incerteza e o antagonismo próprio do interior das relações humanas, e mais, ele é um tipo de conhecimento que se utiliza da abstração, sem perder a referência do contexto ao qual os homens estão inseridos.

Ambos partem de uma perspectiva de sociedade em que existe uma organização social que se constitui por uma trama e de uma teia relacional, desenhada e produzida nas interações cotidianas complexas, em que o tempo e o espaço vividos são justapostos



e complexos. Tempo em que predomina uma relação paradoxal, pois há uma aparente uniformização, ao mesmo tempo em que ocorre uma real diferenciação nessas interações.

Maffesoli e Morin compartilham seus argumentos, ao concordarem que os pensamentos fracionais não detêm a capacidade de levar à compreensão da relação do todo com as partes. Para que esta compreensão ocorra, seria preciso olhar para o complexo social e suas diversas representações, para depois contextualizar suas microrrealidades. Unir o todo, para depois diferenciá-lo. Deve-se, neste sentido, gerar um pensamento que “ligue o que está separado e compartimentado, que respeite o diverso ao mesmo tempo que reconhece o uno, que tente discernir as interdependências” (MORIN, 2000, p.167). Assim, estar-se-á sempre buscando a relação de “inseparabilidade e de inter-retro-ação entre o fenômeno e seu contexto, e de todo contexto com o contexto planetário” (MORIN, 2000, p.167).

E nesta complexidade a comunicação enquanto linguagem, e ação comunicativa, é retratada como “potência interacional”. Potência esta também compreendida a partir não de um olhar funcional e disciplinador mas que compreende a cidade como um espaço de interações distintas e complementares. A cidade não é vista como paisagem capaz de concentrar em apenas um fragmento imagético o seu sentido complexo, nem como linear e programada. Ela é relacional, viva, dinâmica, constituída por mediações socioculturais-ambientais em processo onde, conforme Ferrara (2008, p.49) “se encontram convergências e divergências de ações e valores mas, nos dois casos, surpreende-se os confrontos que caracterizam as interações urbanas como processos vivos, de amplo contágio sistêmico e complexo”.

Contágios mediados pela estética. Estética compreendida aqui como correspondência, como algo que liga um indivíduo à outro, que conduz a compartilhar com outros experiências e sentimentos comuns. Ou seja, não como pensavam os gregos considerando-a a parte da filosofia destinada a refletir sobre o sensível e os sentidos, mas como experiência carnal, experiência sensível que cria a possibilidade de penetração no mundo através do corpo em sua inteireza. Podemos então trabalhar com uma interpretação mais ampliada deste conceito tratando-o como um

processo de “correspondência”, tanto com o ambiente social, quanto com o ambiente natural. “Correspondência” cósmica que, superando a habitual separação própria da modernidade, faz de tudo um e de cada coisa um elemento necessário e reversível de uma globalidade



ordenada. Nesse sentido, o universo material, o dado mundano é atravessado, de parte a parte, por uma força imaterial, seja lá qual for o nome que se possa dar a esta última.” (MAFFESOLI, 1995, p. 54)

E essa forma imaterial, ou sensível, independe de uma organização racional e programada em termos de sociabilidade e comunicabilidade contrariando assim, todas as previsões e cálculos espaciais, territoriais, sociais e temporais da modernidade. Nossa hipótese é de que as cidades contemporâneas refletem essa forma de comunicabilidade em que os corpos em interação com os espaços (arquitetônicos/naturais) reinventam as relações cotidianas gerando um estar social amorfo, escorregadio, menos fixado, mais nômade, de fronteiras menos rígidas. As formas contemporâneas de sociabilidade portanto devem ser compreendidas a partir de outros parâmetros epistemológicos.

Michel Maffesoli seguindo essa corrente propõe que a estetização da vida social ligada ao que se pode chamar *somatofilia* (2005) tem gerado formas de sociabilidade que deverão ser investigadas fora do crivo moral habitual, buscando exatamente seus próprios crivos internos, as morais particularistas e localistas que os movem, suas deontologias. (MAFFESOLI, 2007). Moda, variados tipos de *bodybuilding*, *jogging*, técnicas de inspiração oriental, argumenta Maffesoli (2005), fariam menos parte de um projeto racional do que de uma sensação coletiva, agregadora e específica. Assim, todo o tipo de práticas sociais ritualizadas ou ainda condutas cotidianas enquadradas pelo uso, hábito, costume, regras do saber viver, bem como as maneiras de se vestir, de conversar, de arranjar seu espaço, de se ajustar aos espaços, de ocupar seu tempo ocioso, de se alimentar ou de se cuidar, e assim por diante, podem ser compreendidos através de métodos que considerem a experiência sensível das práticas sociais.

Uma direção profícua para uma análise multidisciplinar é articular os trabalhos de Michel Maffesoli e Edgar Morin aos de Eric Landowski (2004) o qual nos convida a olhar e compreender os processos interativos a partir de uma *Semiótica da Experiência Sensível*. Conforme Landowski (2004), em *Da Imperfeição* (2002), Greimas interpreta as transições e sobretudo as rupturas entre momentos de aparição do sentido em movimentos de refluxo versus o non-sense em termos de uma dialética do contínuo e do descontínuo jogando sobre o plano da percepção e da interação com o mundo ao redor. O que faz é indicar o que pode resultar de uma ética, e de uma estética, da prática do sentido. Esboça ainda - sobre a base dos postulados estritamente semióticos - uma filosofia relativa senão à vida em geral, ao menos, ao valor existencial de diferentes “estilos de vida” possíveis enquanto regimes distintos de relação com o sentido.



Para nós é justamente isto que nos interessa, os diferentes “estilos de vida” e suas nuances, ou seja, seu modos de presença. É reconhecer a *pluridimensionalidade* e, por conseguinte, a polissemia das grandezas de todas as ordens com as quais podemos ter contato. Landowski atenta para o fato de que podemos compreender estes estilos, suas interações fundantes através do sentido, de uma “teoria do sentido”. Propõe uma ampliação dos regimes de significação desenvolvidos por Greimas. Sugere um regime da co-presença, que somente pode ser compreendido em sua inteireza a partir do momento em que encararmos os objetos aos quais nos relacionamos a partir de uma experiência de proximidade, de um contato que possibilite aos sentidos emergirem. O objeto transcende o seu estado inanimado passando a ser referido como um co-sujeito como um ser que atua sobre o sujeito numa relação de proximidade e interpenetrabilidade.

Perceber que o sentido da enunciação não está contido somente nas coisas, objeto, nem somente na subjetividade (sujeito) enriquece a forma de se “conhecer o que está lá” a partir da co-presença. Como Maffesoli e Morin, Landowski (2004) reitera a possibilidade do deslocamento da compreensão social para além da funcionalidade, e das fixações identitárias apriorísticas sugerindo que as experiências interativas entre sujeitos (considerando aqui os objetos) originam relações semi-simbólicas, ou seja, relações fluidas que possibilitam um percurso de construção identitária aberto, em deriva, resultando num constante vir-a-ser contrariando as posições tautológicas a respeito da conformação identitária em que a funcionalidade sobrepõem-se ao existencial.

Mas então como compreender os sentidos das estéticas conformadoras das socialidades e sociabilidades cotidianas? Através da presença efetiva esforçando-se para apreender as mediações através da visibilidade (espaço, tempo, ritmo) das mesmas. Através das qualidades e suas significâncias conformadoras das estéticas-relacionais.

Assim, como um método comum, que é a teoria mesma, a semiótica pode estar a serviço de distintas disciplinas, como dela nos servimos para edificar uma semiótica para entendimento tanto do corpo, como da moda e da cidade.

Como essa organização narrativa atua no mundo das experiências que fazem ser e existir o sujeito? Que tipos de narratividade corpos e cidades estabelecem entre si? Que modo(s), ou estilos de vida geram? Que estilos de presença dos corpos edificam-se nas atuações dos sujeitos nas suas práticas sociais? Assinalando tanto a manutenção quanto a mudança dos valores assumidos no âmbito social e no âmbito individual, as



atuações dos corpos nos espaços sociais permitem ao analista estabelecer os modos do sujeito estar no mundo e, por esses, dar-se a ver e ser apreendido pelo outro e também por si mesmo. As recorrências de traços permitem ao pesquisador determinar o próprio de cada forma de estar edificado pela singularização dos diferentes grupos e seus estilos (OLIVEIRA, 2007).

Por sua vez, os traços reiterados delineados pelas pesquisas auxiliam na configuração do parecer do sujeito, do seu grupo de pertencimento, da sociedade assim como permite depreender os estilos, as formas de apreciação, de aprazer-se e de gosto de uma época, bem como o livre trânsito de idéias, estéticas, imagens e linguagens que se atravessam e revelam o “espírito de um tempo”.

Resumo 1

Corpo e Espaço: modos de presença... construções identitárias.

Ana Cláudia Mei Alves de Oliveira, docente, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo- PUCSP.

O corpo vestido é o princípio e o fim de toda significação de um sujeito e cada cultura serve-se dos corpos e das vestimentas na construção de si mesma, o que é decisivo para a construção de sua singularidade em relação às demais culturas. Os vários tipos de interação do sujeito com o seu corpo e desses com o mundo conduziram nossa pesquisa aos modos de presença que a roupa produz no seu vestir o corpo, uma determinante da construção identitária do ser que nos permitiu erigir uma tipologia das relações sincréticas entre corpo e vestimenta. Exploramos a hipótese de que esses tipos de relações são correlatos a tipos de construção de sentido do sujeito no seu viver social. No desenvolvimento dessa hipótese, abordamos os efeitos de sentido dos corpos vestidos no seu modo de presença, identificando, em particular, o processamento das qualidades plásticas e rítmicas. Entre outras conseqüências que se explicitam é que a análise do corpo vestido não é somente uma questão de visibilidade que se faz na espacialidade, mas de cinetismo e tatilidade. A apreensão dos corpos vestidos processa-se por uma coalescência de sentidos que transforma a ordem estésica como a condição da produção das redes de significação e de sentido do corpo vestido que nos possibilitou depreender o jogo entre corpo vestido pragmático, simbólico ou mítico, ao corpo vestido estetizado.



Resumo 2

Corpo, Estética e Cidade: a Galeria do Rock como um “alto lugar”.

Cíntia SanMartin Fernandes, pós-doutoranda, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo- PUCSP.

As interações sócio-culturais e seus processos comunicativos fundantes de diferentes estilos de vida, presentes nas grandes cidades contemporâneas, é tema central da pesquisa em andamento que busca compreender a pluridimensionalidade desses estilos através da escavação dos sentidos das mediações corpo/cidade. Considerando que há uma comunicação pré-primária fundante de diferentes, e diversas, formas do estar-junto antropológico, o presente trabalho objetiva analisar os sentidos da experiência espacial dos corpos que em movimento pela cidade constroem sociabilidades distintas como tribos, grupos, guetos etc, reinventando os territórios citadinos ao apropriarem-se destes transformando-os em espaços comunicantes, em espaços afetivos, em “altos lugares”. Lugares de comunicação-comunhão que engendram o sentido próprio de cada grupo. Lugares em que se vive os sentimentos de comunhão, no sentido mais religioso do termo, o comungar sensível. O que todos têm em comum é que representam espaços de celebração e de estetização (co-respondência) da vida cotidiana. Para tanto, elegemos a *Galeria do Rock* como um dos espaços da cidade de São Paulo a ser desvelado a partir das discussões e metodologias propostas tanto pela sociologia do cotidiano como pela sociosemiótica em que os sentidos das interações devem ser compreendidos em ato, na interação mesma da vida cotidiana.

Resumo 3

Corpo, Moda e Cidade: uma experiência estética.

Josenilde Silva Souza, mestranda, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo- PUCSP.

Este estudo analisa em que medida a escolha do espaço para apresentação dos desfiles de moda é determinante para instaurar uma presença contagiosa, a partir do deslocamento de um espaço convencional para uma espacialidade imprevisível. Ao serem apresentados em ambientes inusitados, os desfiles de moda criam uma intervenção, porque estes se constituem primordialmente em processos comunicativos sócio-culturais. Desta forma e sendo também sistemas sincréticos, podem gerar desdobramentos comunicativos capazes de modificar a visualidade e as paisagens urbanas, provocando nos enunciatários estímulos sensíveis propostos pela mediação do lugar e do entorno em que acontecem.

Referências bibliográficas

BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BACHELARD, G. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BALDINI, M. **A invenção da moda: as teorias, os estilistas, a história**. Lisboa: Edições 70, 2005.



- BARNARD, M. **Moda e Comunicação**. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.
- BARTHES, R. **Imagem e Moda**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- BENJAMIN, W. **Passagens**. Org. Willi Bolle. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.
- BERGSON, H. **Duração e Simultaneidade: a propósito da teoria de Einstein**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- BOLLON, P. **A Moral das máscaras**. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.
- BORRIAUD, N. **Estética Relacional**. Trad. Cecília Baceyro e Sergio Delgado. CÓRDOBA: Adriana Hidalgo, 2006.
- CALVINO, I. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CALVINO, I. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CASTELLS, M. **A sociedade em rede** (A era da informação: economia, sociedade e cultura; v.1), 1999, p. 25. Tradução: Roneide Venâncio Majer. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CERTAU, M. de. **A Invenção do Cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis :Vozes, 1994.
- DE CARLI, A. M. S. **O sensacional da moda**. Caxias do Sul: EDUSC, 2000.
- DELEUZE, G. e GUATARRI, F. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**, v.1. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.
- DUBOIS, P. **Cinema, vídeo, Godard**. São Paulo: Cosac Naify, 2004.
- DUGGAN, G. G. O maior espetáculo da terra: Os desfiles de Moda Contemporâneos e sua Relação com a Arte Performática. **Fashion Theory: A revista da moda, corpo e cultura**. São Paulo: edição Brasileira, vol 1, número 2, junho/2002. Berg/Editora Anhembi Morumbi, 2001.
- EVANS, C. O Espetáculo Encantado. **Fashion Theory: A revista da moda, corpo e cultura**. São Paulo: edição Brasileira, vol 1, número 2, junho/2002. Berg/Editora Anhembi Morumbi, 2001.
- FERRARA, L. D'A. Cidade: meio, mídia e mediação. **MATRIZES**, Ano 1, n.2 (jan-jun.). São Paulo: ECA/USP , 2008. p. 39-54.
- FERRARA, L. D'A. **Espaços Comunicantes**. São Paulo: Annablume, 2007.
- FLOCH, Jean-Marie. **Identités visuelles**. Paris: PUF, 1998.
- GREIMAS, A. J. **Da imperfeição**. Trad. Ana Cláudia de Oliveira. São Paulo: Hacker, 2002.
- GREIMAS, A. J. “A sopa ao pistou. A construçãodo objeto de valor” in **Revista Significação**, n. 11, São Paulo, AnaBlume, 2001.
- GREIMAS, A. J. **Semiótica das Paixões**. Trad. Maria José Rodrigues Coracini. São Paulo: Ática, 1993.
- GREIMAS, A. J. e COURTÉS, Joseph. **Dicionário de semiótica**. São Paulo: Cultrix, 1983.



- GREINER, Christine. **O corpo** – pistas para estudos indisciplinados. São Paulo: Annablume, 2005.
- LANDOWSKI, E. **Les interactions risquées. Nouveaux Actes Semiotiques**. Pulim: Limoges, 2006.
- LANDOWSKI, E. **A quem ou além das estratégias, A presença contagiosa**. São Paulo: Edições CPS, 2005.
- LANDOWSKI, E. **Passion sans nom**. Paris: PUF, 2004.
- LANDOWSKI, E. **Presenças do outro**. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- MAFFESOLI, M. **O conhecimento comum: introdução à sociologia compreensiva**. Porto Alegre: Sulinas, 2007
- MAFFESOLI, M. **Notes sur la Postmodernité: le lieu fait lien**. Paris: Editions du Felin/Institu du Mond Arabe, 2003.
- MAFFESOLI, M. **A contemplação do mundo**. Porto Alegre : Artes e Ofícios, 1995.
- MEDEIROS, M. B. **Aisthesis: estética, educação e comunidades**. Chapecó: Argos, 2005.
- MERLEAU-PONTY, M. **O olho e o espírito**. Trad. M. Chauí. São Paulo, Abril Cultural, Col. Os Pensadores, 1984
- OLIVEIRA, A.C. de. Nas interações corpo e moda, os simulacros. **XIII Caderno de Discussão do Centro de Pesquisas Sociosemióticas**, n. 13, vol.1, São Paulo: Edições CPS, 2007.
- OLIVEIRA, A.C. de. A leitura do jornal como experiência sensível. **Revista Ampol**, n. 20, Campinas, 2005), Versão inteiramente revisada de Jornal e hábito de leitura na construção da identidade, XIII, Compós, São Bernardo, 2004.
- OLIVEIRA, A.C. de. **Vitrinas: acidentes estéticos na cotidianidade**. São Paulo: EDUC, 1997.
- OLIVEIRA, A.C. de (org.). **Semiótica Plástica**. São Paulo: Hacker Editores, 2004.
- OLIVEIRA, S. R. de. **Imagem também se lê**. São Paulo: Rosari, 2006.
- SENNET, R. **Carne e Pedra : o corpo e a cidade na civilização ocidental**. Rio de Janeiro: Record, 1997.
- SIMMEL, G. “Pont et Port”. In **Cahier de L’Herne**, Paris, 1983.
- TACUSSEL, P. “À altura do cotidiano – a propósito da obra de Michel Maffesoli”. In **Notes sur la postmodernité – Le lien fait lien**, Paris: Editions du Felin/Institu du Mond Arabe, 2003.
- WEIBEL, P. **La imagen inteligente: ¿neurocinema o cinema cuántico?**. Disponível em http://netart.incubadora.fapesp.br/portal/referencias/doc2/document_viewm